

ENTRE CORPOS E O ESPETADOR BETWEEN BODIES AND THE AUDIENCE

CRIADOR E PERFORMER. LUDVIG DAAE RELACIONA-SE CONSIGO PRÓPRIO. NEGOCEIA. CRIA UM DUTO VIRTUAL COM A SUA IMAGEM PROJETADA. UMA POÉTICA POSSÍVEL A PARTIR DA TECNOLOGIA QUE CONFERE PRIMAZIA AO MOVIMENTO, POIS É NO VÍDEO QUE ELE SE MANIFESTA MAIS PERTINENTE. DO DIÁLOGO DA TRIDIMENSIONALIDADE DE LUDVIG COM A BIDIMENSIONALIDADE DE DAAE, NASCE UMA OBRA COM UMA LINGUAGEM INOVADORA E CADA VEZ MAIS EXPLORADA NA DANÇA CONTEMPORÂNEA: A INTERAÇÃO ENTRE DANÇA E VÍDEO.

SEXTA 07 / 19H30

M

PAC / BLACK BOX

M

LUDVIG DAAE

A COREOGRAFIA sujeita às regras da imagem em movimento, cuja plasticidade permanece ditada pela sequência, é um corpo modificado pelas suas interferências. A obra é assim um sistema no espaço, ganhando amplitude para além do corpo. Para Ludvig Daae importa refletir se o filme pode sobreviver sem a dança (sendo o filme, ele próprio, uma dança) e se a dança sobrevive sem o filme. Em suma, se as duas versões de si próprio são independentes, e, sendo independentes, se poderá, da sua fusão, nascer um terceiro e novo elemento.

Ao espetador são lançados novos reptos, novas inquietações e o apelo a um mundo de relações e reflexões que contribui para uma nova forma de reação perante o experienciado. Do seu olhar nascem outros (os seus) equilíbrios entres os atores. É a sua emancipação perante estados que se conjugam e fundem com o bailarino em palco ou com o bailarino em tela ou com a possibilidade de um novo corpo. Como diz Philippe Dubois, o vídeo “é um estado (...) um estado da imagem (...) uma forma que pensa”. Uma forma que pensa diferentes formas de relação entre a projeção da imagem e o corpo que dança. Entre um corpo que dança em imagem e um corpo que dança em corpos.

À medida que MM evolui, há novas camadas que se acrescentam. A linguagem do filme ganha uma supremacia no mundo dos possíveis, mostrando algo impossível de recriar no palco. O seu espaço amplia-se. Qual dos dois é o mais forte? São ambos reais. Na verdade, são ambos o mesmo corpo. E o corpo em palco ganha um novo corpo, um terceiro, ao ver a sua sombra projetada, a espaços, na parede lateral. Há uma dança pensada para o palco, uma sombra que dança uma dança, e uma dança projetada para a tela. Há corpo, sombra e imagem ou há corpo e imagem, sem sombra. Nesta convivalidade de diferenças, importa compreender o que cada uma ganha e o que cada uma perde, quando se misturam. Importa perceber o que inquieta Daae nos dois momentos distintos de criação que se juntam num ato único.

Em MM há um diálogo que se estabelece na multiplicidade das relações: entre corpo e câmara, entre corpo e corpo. Entre corpos e o espetador.*

THE CHOREOGRAPHY subjected to the rules of moving imagery, whose plasticity is dictated by the sequence, is a body modified by its interferences. The piece is thus a system in space, amplified beyond the body. For Ludvig Daae it is import to reflect whether the film can survive without the dance (the film is, itself, a dance) and if the dance survives without the film. In short, if the two versions of himself are independent, and that being, if, upon their merger, a third and new element can exist. The audience is faced with new challenges, new anxieties and the appeal to a world of relations and reflections that contributes to a new way of reacting to an experience. From his gaze others balances (their) are born between the actors. It is its emancipation in the face of states that blend and merge with the dancer on stage or with the dancer on screen or with the possibility of

a new body. According to Philippe Dubois, the video “is a state (...) a state of image (...) a shape that thinks”. A shape that thinks different kinds of relationships between the projection of the image and the body that dances. Between a body that dances in image and a body that dances in bodies. As MM unfolds, new layers are added. The language of the film attains supremacy within the world of possibilities, showing something impossible to reenact on stage. Its space amplifies. Which of the two is the strongest? Both are real. In truth, both are the same body. And the body on stage incorporates a new body, a third party, when its shadow is projected, in frames, onto the lateral wall. There is a dance conceived for stage, a shadow that dances a dance, and a dance designed for the screen. There is a body, a shadow and image or there is a body and an image,

without shadow. In this gathering of differences, it is important to understand what each one gains and loses, when they mix. It is important to understand what unsettles Daae in two distinct moments of creation that blend into a single act. In MM there is a dialog, which is established in the multiplicity of relations: between body and camera, between body and body. Between bodies and the audience.

Conceito, Ideia, Coreografia e Dança **Ludvig Daae** / DoP. Direção do Filme, Edição e Som **Joanna Nordahl** / Assistente de Produção, Foto de Imprensa **Karolina Bengtsson** / Registo de Som **Martin Lindström** / Grading/post **Johan Wik** / Eletricista **Mattias Montero** / Música **Lune, John De Lira Lindberg** / Studio queen **Jenny Herrlin** / Técnica **Katti Alm**

/ MM foi criado e coproduzido pelo **fesvialdisplay** / Agradecimentos **Moderna Museet, Daniel Réhn, MDT, ccap for studio time, Mjuklyx** / Apoio financeiro **Norsk Kulturråd Arts Council Norway** / Duração **27 min.** (Intervalo entre espetáculos) / Maiores de 12

*Texto de Paulo Pinto